

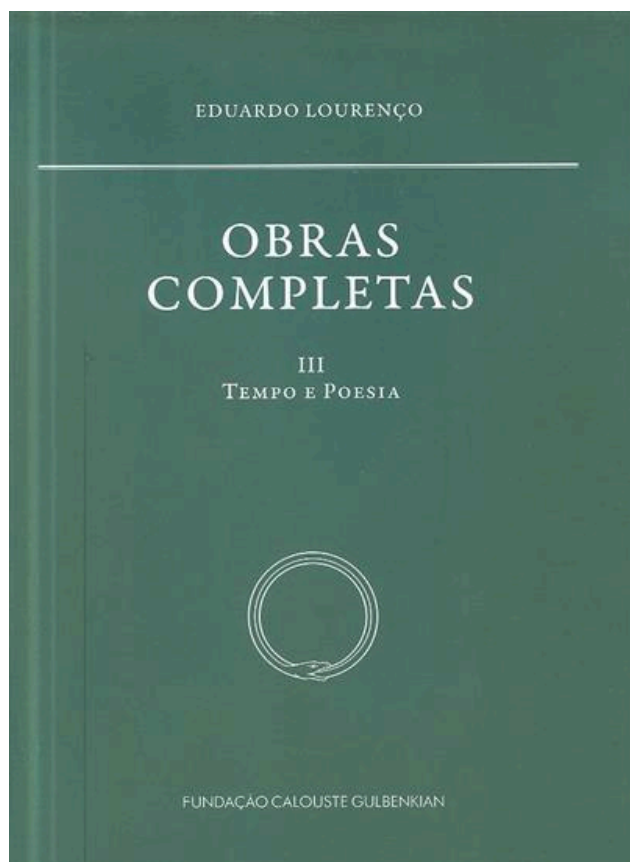
**Eduardo Lourenço (2016). *Obras Completas*.
Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. Vol. III. *Tempo e poesia*
(coord. e introd. Carlos Mendes de Sousa). 816 pp.**

ANTÓNIO JOSÉ BORGES

**O prazer do tempo na leitura
da poesia**

Difícilmente algum estudioso ou leitor dedicado e determinado de poesia deve deixar de possuir o III volume das obras completas de Eduardo Lourenço (EL), que a Fundação Calouste Gulbenkian, em boa hora, veio a publicar. Trata-se de uma obra imprescindível a constar em qualquer biblioteca de leitores de poesia. Mas porque suscita esta obra o prazer da leitura? Desde logo, poderíamos responder que seria pelo ritmo e pela dicção que assiste aos textos publicados, timbres do repertório de EL; ou porque nela encontramos uma forma poética de se aventurar na habitação do mundo.

Onde reside aquilo que, na construção da obra, oferece imediatos patamares de acesso ao seu universo? A extensa e rigorosa introdução desta edição, justamente intitulada «EDUARDO LOURENÇO, habitante da aven-



tura poética», da responsabilidade de Carlos Mendes de Sousa, dividida em várias partes, contextualizando a obra, à época, e a presente edição (desde a génese aos critérios de edição), contribui valiosamente para o acesso ao pensamento de uma obra ímpar e puramente ensaística na abordagem ao fenómeno poético e na leitura da poesia portuguesa.

Organizada em quatro apropriadas partes, mecanismos utilizados para que o leitor entre na obra, na primeira EL reflete sobre o «Tempo e/da poesia», oscilando entre a misticidade e o real; na segunda, «Da poesia», discute livremente certos tópicos relacionados com o poeta e a poesia; consagra a terceira parte a vários dos mais considerados poetas da literatura portuguesa moderna e contemporânea, de Cesário Verde a Ana Luísa Amaral, num exercício sempre admirável, ainda que, obviamente, não integral (como o poderia ser?) da poesia portuguesa – se alguém quiser questionar as razões da sua dedicação –, terminando com um abreviado Dicionário de Literatura, em língua francesa, sobre Cesário Verde, António Nobre, Eugénio de Castro e Mário de Sá-Carneiro, tão importante, dada a inépcia dos editores portugueses em levarem fora de portas o século de ouro da poesia portuguesa; na quarta parte, «Sentido e forma da moderna poesia portuguesa», EL, entre a língua pátria e o idioma francês, pondera sobre a significação e os intentos e a configuração da moderna poesia portuguesa, os seus momentos e alguns movimentos literários marcantes,

fechando com uma abordagem, em língua francesa, sobre o «Surréalisme», expressão de uma realidade muito própria, constituindo, deste modo, uma nova intenção «Para um dicionário de literatura».

Também o «Apêndice» concorre para a compreensão desta obra, pois as duas cartas de Eduardo Lourenço a Adolfo Casais Monteiro, com toda a importância que encerra a correspondência epistolográfica de qualquer grande autor na aferição do seu real pensamento, permitem, na circunstância, ler, em complemento, as suas ideias sobre «Presença ou a contra-revolução do modernismo português».

Antes dos clássicos, úteis e até decisivos, índices remissivo e geral, ainda houve, na preparação da obra, lugar para uma contextualização bastante pormenorizada da publicação de cada um dos textos.

Seria tarefa interminável tentar esclarecer ou iluminar uma obra deste carácter e desta magnitude; por essa razão, este texto poderá servir apenas de mediador entre o livro e o leitor. Todavia, torna-se evidente, à medida que vamos tomando contacto com a dimensão do volume, o modo como a obra muda ou enriquece o olhar do leitor perante o próprio livro, e o tempo e a leitura da poesia que o percorre.

Que questões podem as diferentes partes do volume colocar a quem o lê e que respostas podem ser dadas, não nos parecem ser aspectos em que deve assentar esta recensão.

Uma reunião de textos tão pertinente como esta dirige-se a um determinado leitor. Não é certo que esta obra espere pelo leitor ingénuo, aquele que apenas segue o livro e se deixa conduzir por ele, como um cavalo o faz com a sua manjedoura, ou, melhor, com o cocheiro, segundo nos afirma Hermann Hesse em «Do ler livros», na sua [...] *Biblioteca da literatura universal*; nem tão-pouco sabemos se chegará até este III volume o leitor que, como o caçador, segue a sua presa e, numa oportunidade imprevista que se lhe depare, coloca a sua natureza à frente da sua formação intelectual, gerando múltiplas... interpretações; ou, por fim, não estamos certos se o leitor que se aproximará mais deste volume das «Obras Completas» de EL será aquele que, como uma

criança, o reinterpretará, subvertendo as suas interpretações, julgando mais fecunda e produtiva esta abordagem e este uso da obra lida, como se soubesse «há algum tempo que o contrário de todas as verdades também é verdadeiro», segundo Hesse, no texto já referido.

Entende-se, portanto, que não existem possíveis respostas principais às interrogações que este volume coloque. Na verdade, estamos perante uma obra que, com efeito, requer uma «habitação» e a habituação da «aventura poética» empreendida por Eduardo Lourenço, através da qual podemos sentir, em forma de ensaio, o que a musa antiga (en)cantou, num tempo que o nosso autor partilhou com a poesia, lendo-a como poucos.